

Sanitarista alerta

Cidade

Dr. Saúde

22/2/87, DOMINGO • 17

mães contra a pólio

Este ano, em menos de dois meses, já foram registrados oito casos prováveis de Poliomielite, no Distrito Federal, informou a coordenadora de Vigilância Sanitária, Adir Costa, fazendo um apelo às mães para que não deixem de levar a criança que apresentar qualquer paralisia súbita a um posto de saúde.

A maioria desses casos, alguns apenas suspeitos, foi em Ceilândia. Por isso, foram vacinadas ontem, nos 38 postos da Ceilândia e dois de Taguatinga Norte, mais de 100 mil crianças de zero a 14 anos, pois dos cinco casos notificados em Ceilândia, apenas uma criança tem menos de cinco anos, informou a coordenadora de vacinação, Ivone Lima Teixeira.

Só na parte da manhã foram vacinadas 62.826 crianças, nos 40 postos e, à tarde, a estimativa é a de que seja mais ou menos a mesma quantidade, ou seja, aproximadamente, 60 mil. O total de vacinados deve ultrapassar 100 mil, informou a enfermeira Ivone Lima, ressaltando que é a primeira vez que se faz uma campanha com crianças até 14 anos.

A vacinação foi estendida também a Taguatinga Norte porque foram registrados lá dois casos prováveis de poliomielite, disse a coordenadora de Vigilância Sanitária, ressaltando que o outro caso encontrado foi no Paranoá,

mas em uma área isolada. Por esse motivo, não foi feito no local também a imunização.

Além disso, este ano haverá mais três campanhas de vacinação, que são nacionais, explicou a coordenadora de Vigilância, deixando claro que a situação no DF é preocupante, pois no ano passado foram registrados 24 casos prováveis e desses, cinco foram confirmados. Os outros estão sendo ainda investigados.

A enfermeira do Centro de Saúde nº 3 de Ceilândia, Edna Martins de Oliveira, explicou que o caso suspeito detectado na sua unidade é o de um menino vindo do Amapá, com mais de 14 anos chamado Dácio Rubens da Costa.

O drama de Dácio

Constrangido com sua mão esquerda paralisada, Dácio conta como começou a doença que os médicos suspeitaram ser poliomielite. Logo ao ser abordado ele se recusa a falar e a ser fotografado. Depois de alguns minutos, com os olhos ligeiramente vermelhos ele atende ao apelo da tia, Dolores Ferreira Fernandes, que disse: "meu filho, fale para esclarecer as outras mães". Em seguida, ele começa a contar. "Estava vindo de Belém de ônibus de repente senti minha mão dormente, pensei que ia voltar ao normal, mas até hoje ela continua imóvel. Isso aconteceu no dia 23 de janeiro.

Vacinação motivada por surto

A decisão de vacinar a população de Ceilândia foi tomada em consequência do alto surto de doença no local: neste início de ano foram registrados oito casos de paralisia no DF, cinco deles concentrados em Ceilândia. Fato que gera estranheza é que a vacinação foi estendida a crianças com até 14 anos — diferentemente do habitual, que concentra apenas em crianças de 0 a 5 anos.

Suspeita

Segundo o secretário de Saúde, Laércio Valença, a doença pode ocorrer em qualquer idade. Ele explica que ela é mais frequente em crianças que em adultos, porque o passar dos anos vai criando imunidade, mesmo em quem não é vacinado.

Nesses cinco casos ocorridos em Ceilândia, três são considerados prováveis, pois o quadro clínico é típico, com paralisia flácida. Neste quadro estão uma criança de 1 ano e três meses, uma de cinco anos e uma mulher de 52 anos. Além dos casos prováveis, há outros dois suspeitos: dois adolescentes, um de dez e outro de 13 anos, que apresentam um quadro atípico, ou

seja, um tipo de paralisia que não caracteriza, obrigatoriamente, poliomielite.

Laércio Valença explica que o diagnóstico é feito através da cultura do vírus, utilizando como material sangue e fezes. Segundo ele são necessários cerca de seis meses para confirmação da doença. Enquanto isso, todos os prováveis portadores da doença estão em casa já que, segundo afirma o secretário de Saúde, não há risco de contaminação.

Ceilândia

A cidade-satélite conta com 178 mil crianças e o padrão de vida da comunidade é, no geral, o mais baixo do DF. A campanha ocorrerá apenas ali, onde foi constatada maior concentração.

O secretário de Saúde, no entanto, não faz paralelo entre as condições de vida e a incidência de poliomielite. O que ocorre, explica ele, é que havendo condições socioeconômicas mais baixas, há menor grau de conscientização dos pais, que não vacinam seus filhos. "A pobreza, em si, não predispõe à pólio", afirma.